

A VELHA GUARDA



ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranesse: Rua 31 de Janeiro, 133—GUIMARÃES

Ao completar cinco anos de publicação "A Velha Guarda," saúda todos os republicanos de Guimarães e pede-lhes que se unam em volta da Bandeira da República, lealmente dadas as mãos.

VIVA A REPÚBLICA!

"A VELHA GUARDA,"

SAÜDANDO

FAVORITISMO?

Com o n.º 260 entra este estrênuo defensor da Democracia, a «Velha Guarda», no 6.º ano (3.ª fase).

Nêste longo período de tempo, a sua vida tem sido um labutar contínuo, num mar proceloso, cheio de escolhos, que se lhe opõem à marcha regular; felizmente que tem sabido vencê-las e assim singra donirosa, apesar dos ódios e más vontades dos seus inimigos, que são todos aquêles que não comungam no mesmo ideal; outros, que se dizem comungar no mesmo Ideal, a República, obcecados pela fobia reaccionária e para apresentar serviços, têm-lhe causado enormes prejuízos e transtornos, mas ela, a «Velha», que é de rijas fêveras, de antes quebrar que torcer, apesar das perseguições dos *apostólicos*, continua mar em fora, sempre a todo o pano, saltando os abismos, vencendo os escolhos que se lhe opõem.

E' que a «Velha Guarda» defende um Ideal, a República, e quem defende uma causa, deixa de se pertencer a si, para pertencer à causa que patrocina, e com os olhos fitos nessa causa que à *outrance* e inabalavelmente advoga, nada receia, nada teme e caminha intemerata até à meta que se impôs.

Não implora mercê de ninguém porque confia na rectidão do seu processo sempre correcto e justiceiro; não receia o Tribunal porque nela só se escrevem verdades, embora não sejam do agrado de todos; despreza epítetos soezes, por-

Cinco anos de existência conta a «Velha Guarda».

Anos canceirosos, vida febricitante, exteriorização de amor à República, e luta intransigente de princípios, por vezes, fôram energias dispendidas num esbrazeamento de fé que aumenta dia a dia, e a satisfação do dever cumprido.

Só quem não entra os umbrais do jornalismo, só quem desconhece as mil e uma dificuldades que surgem à imprensa da provincia, não sente esta vontade forte de saüdar os que tão enêrgicamente trabalham, aqueles que, sendo pioneiros dum ideal, não se poupam aos sacrificios da sua actividade para, ainda, descerem a terreiro em defesa dêsses mesmos princípios que francamente abraçaram, julgando interpretar assim as aspirações das massas tiranizadas e sedentas de Liberdade.

E' formidável, senhores, êste jogar de cartada em que se lança a imprensa da provincia!

Luta desesperada, como que alimentada pela fúria dos canhões, as horas amargas pondo em almoeda o seu próprio viver, reivindicações que não tragam os abutres famintos, e actividades inexcedíveis, tudo resume a preocupação dos homens que tomam sôbre si êste pesadíssimo encargo de alimentar a existência dum jornal, embora semanário modesto.

E porque reconheço o apostolado em que a «Velha Guarda» se vem empenhando, e porque a hora que passa reclama a união sincera de todos os republicanos, como republicano que sou, intransigente nos meus princípios, não tenho dúvida alguma em participar da alegria que vai nos corações do que estão à frente do jornal, abraçando-os efusivamente, e exteriorizando a mesma fé que lhes propêe e dinamiza o pensamento.

L. COELHO.

que êsses reverterem contra quem os aplica e emprega, ainda que sejam os *apostólicos*.

A «Velha Guarda» não tem a fobia reaccionária, não guerreia a verdadeira doutrina de Cristo, como muitos dizem; venera-a, respeita-a, adora-a; o que não respeita, nem venera, nem adora, antes pelo contrário zurze com toda a fôrça do seu desprezo, com um azorrague, que

desejaria fôsse de pontas de aço, são os perjuros, os maus, os perversos, aquêles que, dizendo-se cristãos, usam duma desfaçatez a mais proterva contra a doutrina que prêgou Cristo, são uns asquerosos falsários contra tudo e contra todos os que os não bajulam.

A «Velha Guarda» nunca serviu, nem servirá jámais semelhante igreja.

Aqui só reina a Verdade!

A mentira é afastada das colunas dêste jornal, onde não tem cabimento.

E' certo que muitas vezes é áspera, usando até de termos algum tanto violentos, mas assim é preciso para castigar o crime, corrigir os vaidosos, mas sempre pela Verdade e pela Justiça.

Apéstata.

Ninguém desconhece que a Câmara — a nossa, bem entendido — nada tem feito e que, alguma coisa que faça, revela simplesmente favoritismo ou política. E' uma verdade que não devemos negar e que transpõe tudo o que em abôno dela se diga.

Podem as hervas crescer pelas ruas num â vontadinha confrangedôr; podem continuar as palmeiras de vento frêsko a tapar a vista da praça do Toural; podem continuar paralisadas as obras dos novos Paços do Concelho e as chuvas a tornar intransitaveis as avenidas que lhe dão acesso; pode o terreiro de S. Francisco a ser o mesmíssimo terreiro; pode negar-se ao Castelo o direito de se impôr naquela grande obra que o artista vimaranense, sr. José de Pina, sonhou e mandou dar comêço; pode o Matadouro Municipal ser pequeno e pouco higiênico; pode a Praça do Mercado ser um pasto de porcária e sujidade; enfim, pode arder Troia, que os elementos componentes da actual Comissão Administrativa da Câmara não mudam em sua teimosia como não deixam ou largam de fazer a politica e de praticar o favoritismo. E para mais o demissionário presidente sr. dr. Antonio Coelho da Mota Preço, já não está demissionario outra vez e espera, máu grado dos restantes membros da Comissão Administrativa dar a Guimarães este progresso de carangueijo que todos nós conhecemos. Mas... a que propósito nos dispozemos a fazer esta ligeira crítica à gente do Municipio? Ah! sim. Trata-se daquele

FERA OU MONSTRO? Mãos à obra!

(Ao poeta vimaranense Delfim de Vimaranes)

Desde que a Humanidade resa, e paga
As peitas e esportulas de Roma,
Incivilizada é, e nunca assoma
A' perfeição que Ela deseja e afaga.

Vive na Treva que a espesinha e esmaga,
O pelo hirsuto, fera que não doma,
Metida em jaula própria — a redoma —,
Incapaz, porque a origem não indaga.

Inconsciente na sua imensidade,
E' miserável, trágica e maldita,
Muito peor que a hiena saturnal...

Deturpa p'r'a mentira o que é Verdade,
O ódio violento acirra e incita,
E mata p'lo prazer de fazer mal.

1930.

L. COELHO.

Nas barbas da Autoridade Aos amadores de balouçar

Com a sencerimónia de sempre, ali, junto à Filial do Banco Nacional Ultramarino, continúa a fazer-se o desembarque da sardinha, e o mais engraçado é que é feito nas próprias barbas da polícia.

Fôra outra a qualidade do peixeiro — por exemplo, as poveirinhas —, e já providências teriam sido tomadas. Assim, suje-se o passeio, dê-se áquele local o aspecto de praça do mercado, salpique-se quem passa daquela imundicie tóda, que nada há que ponha còbro a êste desplante que nos envergonha de sobremaneira.

Foi no domingo passado — num domingo, calculem! — que a camionette do peixeiro ali esteve horas a empestar aquele local e que a polícia não teve um gesto que merecesse louvor. E' extraordinário que se dispense tanta protecção a quem não a merece.

Vergonha das vergonhas!

Ouvivesaria José Fernandes

Desde domingo que este belo estabelecimento de ouvivesaria se acha à vista do público e desde o início da semana que abriu as suas portas.

Com todos os requisitos para ser considerado um estabelecimento moderno, honra de sobremaneira a nossa terra e, por isso mesmo, não temos dúvidas de publicamente vir felicitar o seu proprietário, sr. José Fernandes, bem como o autor do desenho, sr. Capitão Luis de Pina, que mais uma vez soube revelar o seu talento de artista e o seu fino gòsto, como já acontecera com o Banco do Minho e Café Oriental.

córte de árvores feito ali na Avenida do Capitão Alfredo Guimarães, córte feito em benefício dos proprietários que ali residem, quando é certo que aquelas árvores em nada afectavam a estética da referida Avenida e a sombra por elas produzida muito depressa se dissiparia se ordenassem a continuação da rede electrica.

Aconselhamos a viagem de automovel na estrada Guimarães — Pevidem e vice-versa, que se encontra devidamente preparada para desporto neste género.

O serviço desempenhado pelo cantoneiro, foi tomado em tal alto apreço, que o chefe o recompensou com uma licença de muitos dias, para gozar na terra da sua naturalidade.

Oxalá se conserve por lá muito tempo, para que possamos continuar a gosar as delicias dêste desporto, que tem o dom de nos pôr à prova, de resistirmos a todos os abalos sísmicos.

Na Sociedade Martins Sarmento

Dr. Brito Camacho

Realizar-se-há por todo o mês de Fevereiro a já anunciada conferência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Brito Camacho, subordinada ao tema o «Alentejo».

No meio vimaranense a anciandade em ouvi-lo é grande, dadas as facultades do ilustre conferencista, e sabido que S. Ex.^a tem verbe extraordinária para deixar surpreso o público que o escute, já pelo conhecimento profundo que tem da região, já pela subtilidade da sua palavra fluente.

Letras em circulação

As letras passadas entre particulares, em Janeiro, são obrigadas a nova taxa de selo de 4 %/100, sem multa, posta pelo Tesoureiro de Finanças.

Nos termos do § 2.º do artigo 4.º do Decreto n.º 16.186 de 4 de Dezembro de 1928, são os tesoureiros de finanças obrigados a pôr em tódas as letras seladas vendidas — quando nenhum dos cambiários fôr comerciante — o carimbo com a data do dia e a respectiva assinatura, ficando assim a validade do imposto do selo limitada a um ano.

A taxa que nessa ocasião o tesoureiro aporá nas letras, será de 4 %/100 sobre o valor que se renova, isto é, sobre o valor que a letra possa ter (art. 101.º da tabela do selo, de 28 de Dezembro de 1928).

Devem, pois, todos os portadores de letras cambiárias entre particulares não se esquecer de as apresentar na Tesouraria de Finanças, a partir de 2 de Janeiro, sob pena de multa igual ao selo devido, que reverterá em proveito do Estado.

Há dois alvires lançados à luz da publicidade, sobre congressos das forças republicanas.

O nosso colega a «Renascença» que foi quem primeiro falou na necessidade de se organizar um congresso, propõe que êle seja da Imprensa Republicana; o colega portuense a «Montanha» vem depois dêste propôr um Congresso de Doutrina Democrática.

Com ambos os alvires concordamos plenamente, quer se realizem separadamente, quer se fundam num só, em virtude de os pontos de vista serem identicos, — mas o que desejamos é que assuntos de tão alta magnitude para a vida da República, não fiquem só em projectos, para que os nossos adversários não possam acusar-nos de palavrosos e incapazes de realizações construtivas.

Não encontro dificuldades em se levar para diante a ideia da realização de um ou dois congressos.

Não sou apologista que se desfaça as organizações partidárias já existentes, que é o mesmo que deitar a terra uma obra que tem levado muitos anos a construir, mas sim que todos se esqueçam da sua filiação partidária, collocando-se em volta da bandeira da Pátria constituindo assim a verdadeira *União dos Republicanos Portugueses*, nome que se assim julgarem por bem, deve ser conhecido o principal e único partido politico resultante desta união, e que na actual conjectura é o que tem razão de existência.

Esta organização deve ter o seu início em Lisboa, e estender as suas bases a todos os pontos do paiz, por meio de delegados seus, aos quais deve incumbir da organização das Comissões Politicas Paroquiais, saída duma eleição entre todos os republicanos de cada freguesia, e estas, uma vez eleitas, reúnem-se conjuntamente na sede dos seus concelhos ou districto, conforme as circunstâncias, para elegerem as suas Comissões Politicas Municipais.

Desde que a principal preocupação das pessoas que fôrem encarregadas dêste serviço, seja o bem servir a Pátria e a República, não podem aparecer divergências de espécie alguma.

Nas terras em que haja Centros Republicanos, jornais republicanos, embora alguns com filiação partidária ficam ipso facto, pertencendo à *União*, sem perderem nenhuma das suas características partidárias, mas obedecendo durante êste período transitório, somente à *União*.

Lançados êstes primeiros alicerces, que a meu vêr são os principais: a realização do Congresso, para a nomeação dum Directório e o estudo dum programa mínimo de governo, que satisfaçam as diversas correntes de opinião pública, para que possa succeder à *Ditadura* logo que esta julgue terminada a sua missão, organisa-se da mesma forma que os congressos partidários já realizados.

No entanto, não é demais lembrar, que para a organização dêste congresso, não se podem empregar processos, que já em tempos se empregaram.

Os processos tem de ser muito diferentes, para provarmos com factos, que estamos todos de accordo em pôr-mos de parte para todo o sempre, as habilidades políticas que antecederam o 28 de Maio de 1926, e prontos a entrar-mos em vida nova com processos novos.

Albano Cruz.

Este número foi visado pela comissão de censura.

Instrução e Educação

A salvação nacional pela acção escolar

XVI

Já há largos anos a corrente está estabelecida; e se de tempos a tempos afrouxa a velocidade da marcha é que as convulsões politicas e consequente cerceamento de regalias e direitos lhe paralysam o acelerador.

Nem sequer deve pensar-se em expropriação pela violência, por desnecessária porquanto se irá efectivando lentamente pela associação dos capitais que os operários instruídos e educados destinem ás suas empresas — por êles fundadas, por êles vitalizadas e por êles administradas.

Leva tempo?

Que importa?

A evolução foi feita da aristocracia para a burguezia e assim esta há-de ser vencida evolutivamente pelo salariado.

A precipitação nas metamorfoses politicas sociais somente pode produzir desagregação de elementos e consumo e desbarato de energias, que levam muito tempo a organizar e refazer.

Pela persistência e pela educação da massa operária a rotina será aniquilada, desaparecendo o máximo entrave.

Em tais combates, anos representam momentos.

Reparemos atentamente no existente: se os capitalistas podem muito, é que muito trabalham também, dirigindo com grande habilidade grandes oficinas e armazens, onde o operariado vai receber os seus salários.

Fundam empresas que êles próprios dirigem e administram com intelligência e senso pratico.

Ora o operariado — mole enorme de gente que dá vida e vigor a essas empresas, oficinas e armazens — colha lição no fenómeno apontado.

Eduque-se e economize para empresas próprias, pois que o «grande mundo industrial está aberto a toda a gente».

Lemos numa estatística que a primeira cooperativa de consumo em Inglaterra foi, em 1844, fundada por 40 operários, com o capital social de 28 L. e que em 1860 já tinha em movimento 160.000 L. e realizava o lucro de 16.000 L.

Capacidade de organização, muita honestidade e confiança mutua alicerçarão os empreendimentos que tentarem.

A verdade é que os tempos presentes, apesar do feroz egoismo que ainda predomina, são já muitissimo diferentes dos séculos clássicos e dos medievais.

Naquelles a escravidão era a forma social das industrias; nêstes a servidão dava aos proprietários de enormes latifúndios a posse violenta do trabalho nas glebas; e as artes e officios — hoje livremente facultados a todos — estavam fechados ás classes.

E' certo que só um ou outro operário escolhido está condignamente pago, não recebendo os grandes batalhões do operariado a remuneração justa do que produzem.

Todavia uns e outros melhor podem que o escravo ou o servo da gleba, que o antigo official de artes e officios preparar um melhor futuro, já nitidamente desvendado.

Guimarães, 23 1-930.

Prof. J. F. B.

(Continua).

O homem só é digno dêsse nome, quando é útil a si e aos seus semelhantes.

António José de Almeida.

Noticias Escolares

A missão do professor primário é, além de miseravelmente remunerada, ericada de espinhos e incompreendida por uma mole enorme de encarregados da educação da infância de agora, que nunca pisaram uma sala de aula ou só se sentaram nos bancos de uma escola muito outra da actual escola pública.

Aqui é um pai queixando-se de que o professor do seu menino o deixa fazer quanto lhe apetece e passa o tempo com palestras piegas de que êle já se sabe sorrir intencionalmente; ali é outro papá ou mamã, ambos ciosos da intangibilidade do seu pimpólho, a bradarem que atentam contra a sua integridade física e vá de mandar para os jornais que é proibido «bater na escola».

Acolá é uma mamã que vai queixar-se ao professor da classe frequentada por quarenta e tal alunos de que o seu filho não dá lição todos os dias, pelo que é melhor retirá-lo da escola.

Mas que o primeiro pai ignora é que o professor de hoje muito se esgota em conselhos e persuasões no sentido de equilibrar a sensibilidade e educar a vontade dos educandos que lhe foram confiados.

Porém — sempre contrastes — o segundo pai ou mamã não cuidam de inquirir se o seu menino teima em apresentar-se imundo, nojento; se persiste em proferir já lindas obscenidades; se desobedece sistematicamente ao seu professor; se é um elemento perturbador da tranquillidade, socêgo e disciplina da classe; se falta mesmo ao respeito devido ao seu professor para só atender a queixa de que o professor o castiga corporalmente.

Pois a verdade é que — esgotados todos os meios disciplinares de que seja possível lançar mão e procedendo a proposta para a exclusão da classe e escola — o Regulamento permite a applicação do castigo corporal «paternalmente applicado».

Ora é o que se faz não só nas escolas de Guimarães, como em todas as escolas do paiz.

Para amostra formulamos aqui algumas interrogações:

Que fariam conspicuos mentores e pseudo carinhosos defensores das crianças que frequentam as nossas escolas a um menino que três dias seguidos se entretinha a despejar o tinteiro por sobre a carteira e soalho?

Que faria a outro que estando habilitado a satisfazer à lição do dia por mais de uma vez ou responde propositadamente tórto ou se recusa a responder?

Valha nos a intelligência e o bom senso e sobretudo muita educação

A queixa da última mamã vai sem comentário, por desnecessário para quem tenha ao menos noções rudimentares sobre modo simultâneo.

Sintese: o professor é culpado de tudo e por tudo.

Grupo recreativo «Os Infalíveis»

Convidam-se os componentes dêste Grupo para a reunião que, no próximo dia 9 de Fevereiro, pelas 15 horas, se effectuará na Pastelaria Freitas, ao Largo da Oliveira, e na qual serão tomadas resoluções acerca do passeio a realizar em Agosto p. f. do corrente ano.

Guimarães, 26-1-1930.

Infalível-mór.